

A ARTE MUSICAL

REVISTA PUBLICADA QUINZENALMENTE

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO — Praça dos Restauradores, 43 a 49

PROPRIETARIO E DIRECTOR

LISBOA

REDACTOR PRINCIPAL E EDITOR

Michel'angelo Lambertini

29, Rua das Gaveas, 31

Ernesto Vieira

SUMMARIO — Max Schillings—Compositores da America do Norte — Concertos — Chronica Portuense — Notas Vagas—Miguel Ferreira — Noticiario — Bibliographia—Secção Litteraria: Maria das Dores.

na á orientação, que tão cedo se manifestou no joven compositor, a influencia das audicções no Theatro de Bayreuth, que Schillings acompanhou em condicções excep-

cionalmente vantajosas para o seu temperamento artistico, por isso que, nas representações de 1889, foi ensaiador das operas de Wagner, não descurando juntamente com este pesado encargo a pratica da composição, a que já se devotara com rara vontade e notavel engenho. E assim em 1890 começava «Ingwelde», drama musical posto em scena pela primeira vez em Carlsruhe (1894) sob os auspicios de Felix Motll, e que collocou M. Schillings na vanguarda dos actuaes operistas allemães.

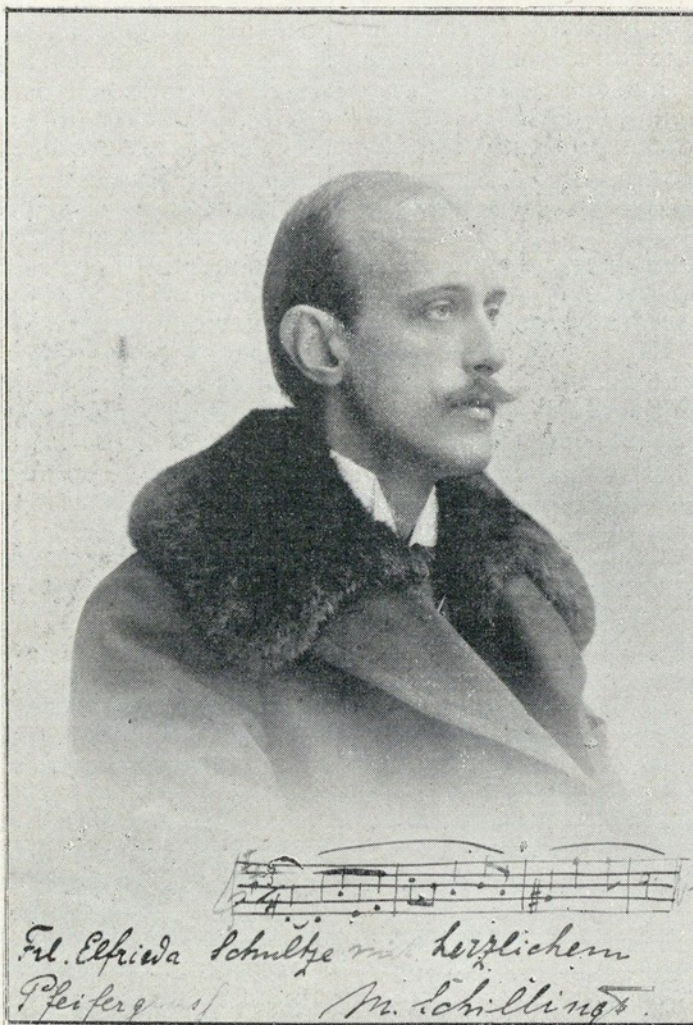
Manifesta-se na sua primeira obra a profunda e convicta assimilação da doutrina wagneria-

MAX SCHILLINGS

E' um artista da moderna geração allemã, desde muito cedo predestinado para a musica. Largamente versado no estudo do piano e violino, que praticou com os melhores mestres de Bonn n'uma frequencia assidua ao seu gymnasio, as tendencias do seu espirito aproximaram-o de Brambach e de Koenigsloew, que o iniciaram na sciencia da harmonia e contraponto, encaminhando-o mais tarde para a Universidade de Munich, onde completou a sua educação litteraria e scientifica.

M. Schillings, com a sua intelligencia profundamente cultivada, comprehendeu bem todas as exigencias d'espirito do compositor moderno, e á semelhança do seu grande mestre R. Wagner, quiz dotar-se de todos os meios para produzir a obra musical e litteraria, connexas e solidarias n'uma inspiração commum. Não foi extra-

na revestida porém d'uma personalidade, que, pelo seu talento creador, pela forma espiritual e logica de trabalhar os motivos; pela segurança e completo conhecimento da instrumentação, affirmou, desde a sua iniciação, não o imitador, mas o artista



evolucionando nas theorias do mestre, e continuador da sua escola.

Na opera *Ingwelde* e mais tarde na *Pfeifertag* (Festa dos menestres em Ribeaupville), Schillings é o completo compositor dramatico, tendo no mais alto grau o dom de harmonisar a situação litteraria e musical por uma forma clara e impressiva.

Para se apreciar a afinidade entre a obra de Schillings e o theatro de Wagner transcrevemos as palavras de H. Chevalley, d'Hamburgo, um critico que tem o seu nome ligado á mais intelligente e desassomburada apreciação das modernas escolas musicas da Allemanha, Apreciando o *Pfeifertag* escrevia em 1899:

«E' uma obra d'outra feição, e que poderia chamar-se o pendant gracioso de *Ingwelde*, esta opera — os mestres cantores — de Schillings, em que o mestre-compositor affirma notavelmente o seu estylo. E' a grande musica em que nunca desfallece o talento inventivo, sem um desalento de fantasia, e com o raro condão de nos interessar desde as primeiras notas até aos ultimos accordes n'um enthusiasmo progressivo.»

E' hoje um compositor popular nos theatros da Allemanha, contando uma larga serie de recitas nas scenas lyricas de Berlim, Leipzig, Munich, Magdeburg, Schwerin, Bremen, Wiesbaden e Manheim.

Em 1900 concluiu Schillings a nova opera *Orestes* composta sobre o poema de Eschylo, que foi cantada em Berlim, Munich e Vienna d'Austria, com grande exito publico e assignalado louvor da critica. N'esta obra o sentimento dramatico traduz a assimilação integral da tragedia grega, e demonstra ainda uma vez o valor da sciencia do moderno compositor, posta ao serviço do drama musical.

Tendo apenas 34 annos, M. Schillings, alem das obras citadas, traz já uma larga bagagem artistica, em que avultam duas fantasias-symphonicas *Meergruss* e *Seemorgen*, o prólogo symphonico para o *Oedipe* de Sophocles, um pequeno poema intitulado *Dialogo* para orchestra, com sólos de violino e cello, e ainda bastantes *lieder*, cantados com frequencia em concertos na Allemanha e na Suissa, onde o joven compositor é muito apreciado.

Resta-me acrescentar que em M. Schillings se reúnem ás faculdades do artista qualidades pessoas, que lhe captivam inumeras sympathias. E é muito para attender esta associação de predicados Moraes, pois é bem verdadeira a observação, que ha poucos dias me fazia o meu querido amigo Manuel Ramos, a proposito d'um musico

portuguez: «a bondade é metade do talento no artista.»

Dezembro 1902.

J. R.



Compositores da America do Norte

(Continuação)

Mas qual é o valor, a importancia e a significação das obras de MacDowell? Aqui as opiniões dividem-se. Assim tem sempre acontecido com os compositores acima do vulgar, sobretudo com aquelles que caminham na vanguarda. Não admira se repararmos que se trata de uma arte cujo material é principalmente a emoção subjectiva. E' por isso que a critica musical está na dependencia de uma lei psychologica da qual resulta a seguinte definição: As obras musicas são phenomenos sonoros percebidos e sentidos através do equilibrio instavel do temperamento de cada um, equilibrio determinado pelo estado d'alma do momento.

E assim se explica, por exemplo, que a mesma composição possa impressionar mui diversamente duas pessoas e até o mesmo individuo em duas occasiões diferentes, e porque é que as divergencias de opinião se agravam a respeito dos executantes. Muitas vezes questão simplesmente de boa ou má digestão. Ha lá nada mais deploravel do que um executante com dispepsia aguda, ou mais temivel do que um critico musical sob a influencia d'um enfartamento de estomago ?!

O leitor sabe muito bem que influencia têm as condições gastricas sobre o nosso estado psychico e emocional. Isto me dispensa de dissertar agora acerca da correlação entre a pathologia e a psychica.

Um ponto ha, porem, sobre o qual as opiniões dos entendidos (e só a estes me refiro sempre) são concordes na maior parte dos casos. E' sobre a mão d'obra, a factura. Uma composição é ou mal feita, ou mediocremente feita ou feita por mão de mestre.

Veção, por exemplo, Brahms. Encarado pelo lado esthetico, emocional, ou da inspiração, como quizerem, uns erguem-no ás culminancias de Beethoven, outros rebai-xam-no ao nivel dos mediocres e até dos inuteis.

Mas onde está o musico que ouze affirmar que Brahms não é um mestre consumado da polyphonia ?

Esta concordancia de opiniões a respeito da technica desata-se, porem, nos mais desencontrados pareceres em sahindo para fora do campo meramente formal. São tan-

tas as sentenças quantas as cabeças. A Critica é mais polycephala do que a hydra de Lernes (Que erudição !)

A definição acima exposta explica o phenomeno. Não ha certamente dama mais despotica, mais auctoritaria, mais intransigente, mas cheia de amor proprio do que a Critica. E todavia parece que não ha cousa que devesse ser mais cautelosa, mais prudente, mais timida, nem mais modesta, Bastaria reparar nas radicaes modificações da opinião dominante, em periodos relativamente curtos, e nas repetidas e frequentes *pancadas em falso* da critica. Veja-se o que se escreveu de Beethoven, já no seu tempo, já posteriormente. Olhem o sapientissimo Fétis, um dos chavões da critica do seculo passado; reparem no que elle escreveu de Schumann, de Wagner, de Berlioz e do ultimo periodo de Beethoven; comparem a 1.^a com a 2.^a edição do seu «Diccionario dos Musicos» no que respeita a Mendelsohn.

Notaram os encontradissimos juizos (faltos de juizo alguns) que se publicaram por occasião da morte de Brahms?

E' que cada qual tem o seu temperamento e a sua pathologia, os seus habitos e o seu systema de suggestões, cada um é filho do seu meio especial e todos são escravos mais ou menos submissos do tyranissimo propulsor e regulador da actividade humana — o amor proprio. E' o homem de Montaigne, *ondoyant et divers...* Estou d'aqui vendo o leitor a voltar a pagina com enfado e mau humor, resmungando: «Que massador!» — Tem V. Ex.^a carradas de razão, o que não impede de eu dissertar um dia longamente a respeito da legitimidade da critica á critica. Mas quero que saia obra desenganada e por isso ha-de levar seu tempo.

Se o leitor (?) tem paciencia para esperar mais um pouquinho, direi que, quanto á technica, afirmam os entendidos ser ella excellente em Mac-Dowell. Como o nome está indicando, este compositor é de ascendencia escocesa. Isto explica até certo ponto a caracteristica da sua musica, especialmente da sua harmonisação na qual, segundo a interessante expressão de Huneker, se encontra sempre um picante travo de acidez.

E basta de massadas por hoje.

(Continua).

B. V. MOREIRA DE SÁ

CONCERTOS

De ha muito que não assistiamos a uma tão vibrante e sincera ovação como a que

acolheu Casals e Bauer nas duas memoraveis audições do Salão do Conservatorio em 29 e 30 do passado mez.

Associando-nos com todas as nossas forças á homenagem tão merecidamente prestada a estes dois insignes musicos, apraz-nos ainda registrar a maneira intelligente como o publico especial dos concertos, infelizmente bem restricto vae acompanhando as melhores manifestações d'arte e consagrando com o prestigio do seu applauso aquelles que verdadeiramente o merecem.

Assim, se Casals e Bauer não tiveram a fortuna de ver uma numerosa assistencia nos seus concertos, poderam apreciar, como gloriosa consolação, quanto o nosso publico soube admirar-os e com que entusiastica expontaneidade foram recebidos

Pablo Casals executou nos dois concertos as encantadoras *Sonatas* de Locatelli e de Boccherini; a *Romance* de Campagnoli, um *Scherzo* de Klengel, o *Vito* e a *Fileuse* de Popper, uma *Aria* de Jean Huré, uma *Gavotte* de Valentini e a *Sarabanda* de Bach.

Harold Bauer a *Fantasia em fá menor*, o *Quarto estudo* e um *Preludio* de Chopin, uma *Gavotte* de Gluck-Brahms, a *Cavalgada das Walkirias* (repetida no segundo concerto), o *Carnaval* de Schumann, um *Impromptu* de Schubert e o *Estudo valsa* de Saint-Saens.

Juntos, tocaram os dois grandes concertistas, as *Sonatas* de Mendelssohn e de Grieg.

Descrever a maneira como cada uma d'estas obras foi executada seria repetir invariaveis elogios que poderiam parecer exagerados a quem não teve a fortuna de ouvir os dois mestres. Bastará por conseguinte que tracemos em duas palavras a impressão pessoal que nos produziu cada um dos artistas de que nos vimos occupando.

Casals, pela confrontação entre a personalidade artistica que nos foi dado ouvir ha 3 annos e a que hoje se nos revela tão brilhantemente, pode dizer-se que caminha para a celebridade a passos de gigante. Canta divinamente no violoncello, interpreta com uma sobriedade, com uma seriedade que só é dada a grandes mestres:

Como technica do instrumento julgamos que não se poderá ir alem e certos passos na pestana maravilharam-nos a ponto de os julgarmos inexcediveis de perfeição: com respeito a afinação quasi não seria preciso fallar, pois não passaria de uma mediocridade aquelle que a não soubesse ou não pudesse rigorosamente manter. Mas em Pablo Casals as mais asperas difficuldades de afinação, que elle venceu com tanta naturalidade e galhardia, são duplicadas pelo cu-

rioso costume de tocar quasi constantemente com os olhos, fechados o que é sem duvida de uma grande vantagem para a interpretação, mas ao mesmo tempo um constante perigo para quem não tenha, como elle, a precisão mathematica do tacto.

Corresponde a energia da sonoridade a todas essas brilhantes qualidades do insigne violoncellista hespanhol?

Confessamos que não podemos determinar no nosso espirito uma solução segura n'este particular. Nos passos de grande força pareceu-nos por vezes *pequeno* o violoncello de Casals, apesar das boas intenções do instrumentista não se trahirem nunca.

Não responderá a machina sonora á pericia do machinista? Ou haveria menos ponderação, menos equilibrio entre as duas sonoridades, piano e violoncello, que a cada passo se defrontavam? Declaramos sinceramente que não o podemos ajuizar.

Fazer uma selecção entre as peças que Casals nos apresentou ainda é empreza mais difficil. Pareceu-nos perceber no eminente concertista uma predilecção pelas obras mais serias, mais classicas na factura e na intenção; assim as duas sonatas antigas e o trecho de Bach attingiram culminancias que não poderemos de forma alguma esquecer. Se formos porém a rememorar cada uma das outras obras com que Casals nos deliciau, não olvidando as sonatas com piano em que tambem fez cousas prodigiosas, teremos de concordar que estivemos em presença de um artista para quem os diversos modos de expressão são egualmente familiares e para quem todos os processos são bons quando se trate de conseguir o seu principal intuito — commover-nos e encantar-nos.

A indole artistica de Harold Bauer differe um pouco. É leonino na sua execução. Servido por um admiravel virtuosismo como raras vezes temos encontrado, imprime um tal cunho de grandeza a tudo o que toca, que chega por vezes a exceder-se.

Mas que dedos d'aço e que maravilhosa certeza em todos os passos, por muito escabrosos que pareçam!

E ao mesmo tempo que poesia, que *charme* que elegancia em certas phrases!

Para lhe admirar o conjuncto de qualidades tão variadas, bastaria ouvir-lhe o *Estudo-valsa* de Saint-Saens e o *Carnaval* de Schumann, pois qua quer d'ellas tem uma multiplicidade d'exigencias que muito se prestam a uma judiciosa apreciação.

As sonatas com o violoncello foram tambem um justificado triumpho para o grande artista: não se pode exigir melhor estylo,

nem maior paixão, brio e riqueza de sonoridade.

N'este ultimo particular e como verdadeiro mestre do teclado, Harold Bauer subjugou o seu auditorio e deixou em todos, sem sombra de excepção, uma impressão immorredoura.

Deviam ter ficado bem satisfeitos os illustres artistas; a ovação que o nosso publico lhes prodigalisou e o enthusiasmo com que foi acclamada cada uma das obras executadas, tomaram proporções que só muito excepcionalmente se attingem entre nós. E não foram demasiadas.

*

Na noute seguinte faziam-se ouvir os eminentes artistas no Paço das Necessidades sendo alvos, por parte de S. M. a Rainha Regente, de varias demonstrações de apreço.

Partiram em seguida para o Porto, para onde estavam contractados pelo *Orfeon Portuense*.

O programma foi o seguinte :

<i>Sonata em ré.....</i>	MENDELSSOHN
Violoncello e piano	
<i>Fantasia em fá menor.....</i>	CHOPIN
piano	
<i>Sonata em ré.....</i>	LOCATELLI
Violoncello	
<i>Gavotte.....</i>	GLUCK-BRAHMS
<i>Walkirias.....</i>	WAGNER
Piano	
<i>Romance.....</i>	CAMPAGNOLI
<i>Vito.....</i>	POPPER
Violoncello	

*

Em 3o, tambem se realisou no Porto a *primeira matinée* do professor Roncagli, para a apresentação dos seus alumnos de canto.

Foi muito apreciada, segundo dizem os jornaes portuenses.

*

No dia 4 teve logar no salão do Conservatorio uma nova apresentação do cantor brasileiro Corbiniano Villaça.

Pouca concorrência e pouco enthusiasmo.

Villaça tem no entanto uma bonita voz de barytono, que carece certamente de cultivo, mas que por vezes nos agrada muito. É artista que promete e que valia a pena ser acolhido com um pouco mais de calor.

Collaboraram com o sympathico estrangeiro os srs. David de Sousa (violoncello), Nicolino Milano (violino), Hernani Torres (piano) e o actor Carlos Santos.

*

No salão nobre do Real Theatro de S. João realisou-se em 6 do corrente o concerto promovido pelo conceituado violoncelista portuense Carlos Quilez.

O estimado artista fez-se ouvir em dois andamentos da *sonata em lá* de Lalo que tocou com Ernesto Maia, na Gavotte de Rousseau com H. Carneiro e a solo em diversos trechos de Delsart, Schubert, Saint-Saens e Popper.

Conforme noticiam os jornaes da capital do Norte, tanto Quilez como os sympathicos artistas que obsequiosamente o coadjuvaram, foram calorosa e justamente applaudidos.

*

Na mesma noite teve logar na Sala do Orpheon Portuense um concerto em homenagem á distincta professora de canto D. Luiza Chiaramonte.

Tomaram parte alem de grande numero de amadoras de canto, a talentosa pianista D. Leonilda Moreira de Sá e seu pae o distincto violinista Moreira de Sá que se fez ouvir em uma romanza de Arthur Napoleão.

*

Seguiu-se o concerto da *Escola de Musica de Camara*, que teve logar a 10 no Salão do Conservatorio.

Foi o primeiro concerto d'esta epoca e o publico ouviu-o com uma rara quietação e respeito. symptoma de primeira ordem que muito folgamos de registrar.

A imprensa lisbonense, que foi prodiga de elogiosas referencias ao concerto a que nos vimos referindo, tambem reconheceu o facto; ao *Diario Illustrado* pedimos licença para transcrever alguns eloquentes periodos que mostram o interesse com que o publico vae acompanhando os trabalhos da Escola.

«Já o facto da vasta assistencia a esse genero de musica muito especial que não deriva para as polyphonias ruidosas tanto do agrado das platéas, indica um progresso no bom gosto publico e a influencia esthetica da tarefa a que poz hombros o grupo de amadores e artistas de que ha dias reproduzimos a dupla physionomia no nosso jornal.

Musica de camara quer dizer interpretação de trechos selectos, de composições que requerem um apuro pacientissimo, esmero na gradação de um colorido que lu-

cta com a limitação dos instrumentos, superior educação musical e conhecimento profundo das delicadezas que os genios como Beethoven, Mendelssohn, Schumann e a pleiade distinctissima dos modernos compositores imprimem nas suas obras.

Na execução d'essa fina especie musical mira-se menos ao effeito a produzir nos temperamentos avidos de commoções violentas que ao relevo e á harmonia dos pormenores, á espiritualidade do pensamento musical que distingue a obra classica da obra acessivel aos paladares das maiorias. Razão porque o olympico poeta que se chamou Goethe definia a obra classica — obra saudavel ou sã; obra romantica, obra doentia.

E', pois, captivante symptoma o interesse que os concertos de musica de camara, vão tomando no nosso meio abastardado ou pervertido em annos consecutivos pôr musica de fancaria, vulgar, interpretada a troche-moche, n'uma repetição enfadonha de realejo.»

O programma, que transcrevemos na integra no nosso numero passado merecia realmente essa deferencia e posto que nos não seja licito fazer aqui referencias pessoais, que poderiam parecer suspeitas, é de justiça dizer que muitos dos numeros executados mereceram tambem de sobejo os applausos com que foram unanimemente acolhiados. Estão n'este caso o *adagio* do quarteto, a *dansa sueca* do octeto de Gouvy e varios fragmentos d'essa obra prima que se chama o *Quinteto de truta* e que nunca mais deve sahir a nosso ver do repertorio do esforçado grupo.

O que é certo é que o publico, ás vezes avesso a certas manifestações de arte elevada e boa, se vae deixando conquistar lentamente n'esta infatigavel cruzada em que a *Escola de Musica de camara* se empenhou.

Prova-o a satisfação que em todos se notava e o entusiastico applauso que cortou por vezes a execução das peças que comtituiam o programma.

E a proposito de programma: a Escola teve a boa lembrança de fazer acompanhar os seus programmas de um rapido commentario, que elucida os ouvintes sobre as composições que se executam. O d'este concerto foi illustrado pela auctorisada penna do capitão Manuel Ramos, que como todos sabem é um dos nossos mais finos e intelligentes criticos d'arte.

Consta-nos que ainda este mez terá logar o segundo concerto e que tomarão parte n'elle os distinctissimos amadores Henrique Sauvinet, Cecil Mackee, José Veiga (Arneiro) e Ivo da Cunha e Silva, sendo a parte de pia-

no desempenhada por Hernani Torres um dos *novos*, que ultimamente mais se tem evidenciado em concertos.

*

Teve tambem um grande brilho a festa que a *Academia dos Amadores de Musica* proporcionou aos seus associados em 12 do corrente mez.

Parece tomarem um novo *essor* os destinos d'esta util e sympathica associação, com o advento de elementos que até aqui faltavam e que são destinados a dar uma nota de variedade e de interesse deveras notavel aos concertos da Academia.

O concerto a que se refere a presente noticia já nos deu uma boa ideia d'essa evolução.

Notamos a orchestra sensivelmente melhorada, com vinte e tantos violinos, entre primeiros e segundos, o que constitue já um bello nucleo de executantes; e, facto com que a Academia justificadamente se ufana, a exceptuarmos Sauvinet e Cossoul, dois amadores da velha guarda, todos os outros rebequistas sahiram das escolas da propria Academia.

E não é elogio vão encarecermos aqui a maneira como foram interpretadas a abertura da *Zampa*, os dois ultimos numeros da *Arlesienne* e a *Czarda* de Michiélis; mereceram bem, a orchestra e o maestro Goñi, as palmas com que foram victoriados.

A novidade da noute era porem o côro de senhoras que devia apresentar-nos seis *duos* de Mendélssohn, sob a proficiente direcção de Alberto Sarti,

Deliciosos numeros de musica e deliciosamente executados: grande firmeza e unidade, gradações de sonoridade habilmente preparadas, flexibilidade pouco vulgar, obediencia constante á direcção e sobretudo — côr — essa bemdita cor que é tão difficil obter em obras de conjuncto e em que Alberto Sarti é um verdadeiro mestre.

Ainda foi uma discipula da Academia que se apresentou d'esta vez como solista. D. Esther Campos, nas tres importantes obras que executou correctamente ao piano, mostrou que vae assimilando sem esforço a complicada technica d'este por vezes ingrato instrumento e que as lições do habil professorado da Academia lhe são de dia para dia mais salutareis.

Felicitando pois esta prestimosa sociedade pelo seu primeiro concerto d'esta epoca, constatamos que da *Real Academia* e da *Escola de Musica de Camara*, cada uma no seu campo de acção, vem hoje todo o movimento de propaganda constante que em

favor da nossa Arte se pode produzir em Lisboa.

Cumpra pois que cada uma d'essas instituições, nem cance no seu trabalho de util evangelisação artistica, nem se estorve mutuamente.

Acatando esses principios e empenhando parallelamente os seus esforços no bem commum da Arte, podem ambas ir muito longe e podem ambas concorrer grandemente para a elevação do senso esthetico de um povo, que, em materia de arte, tem andado um tanto ou quanto á mercê da cabotinagem e da exploração.

*

O concerto do illustre pianista Rey Colaço deve ter logar no Palacio Foz no proprio dia em que a nossa folha é distribuida.

Temos por isso de guardar para o proximo numero a apreciação d'esse sarau artistico, que promete ser esplendido.



Chronica Portuense

O mais interessante acontecimento musical da quinzena decorrida, foi o concerto do Orpheon para apresentação dos illustres artistas Casals e Bauer. O primeiro contava já n'esta cidade avultadas sympathias, desde a epoca em que a fina flor dos nossos *diletanti* ia expressamente a Espinho para o applaudir ruidosamente no café onde tocava com o seu sextetto. Retirado d'aquelle meio transitorio para a verdadeira sala de concertos, as suas qualidades de violoncellista irradiaram com maior brilho; e depois de varios concertos aqui e ahi, eil-o a caminho de Paris, onde a convivencia com artistas superiores e a longa educação que tão grande centro artistico offerece a qualquer espirito evolutivo, avigoraram por tal forma os seus meritos, que chegou até nós o echo de repetidos successos que mais augmentou o desejo de o saudar novamente. O concerto teve o maior exito e representou uma nova consagração ao artista.

Não me occupo do programma visto elle ter sido a exacta reproducção do primeiro concerto realisado ahi. Quanto ao seu illustre companheiro o pianista Bauer, desconhecido para nós, direi que deixou agradaveis recordações no numero auditorio que enchiá por completo o theatro Gil Vicente. Todas as suas peças foram calorosamente applaudidas. Comtudo a maior ovação que o pianista obteve foi no 4.º estudo de Chopin, que tocou extra-programma, com um brilhantismo, vigor e nitidez inexcediveis.

Bauer é um admiravel acompanhador; e a sonata de Mendélssohn para piano e vio-

loncello mostrou-o á evidencia. É um pianista de futuro pois vae na linha em que se formam os grandes *virtuosi*, e grande influencia terá na sua carreira o nome de Paderewski que o guiou.

Os lisboetas tiveram ensejo com a admiração ao discípulo, de antegosar as delícias artisticamente arrebatadoras do mestre, se como creio elle vem no proximo anno a Lisboa.

Esse, certamente, deve fanatizar o publico, porque possui um nome conhecido e popularizado pelas gazetas de todo o mundo nos mais fantasiosos termos. Paderewski foi por muito tempo o pianista ideal das damas... Um dia n'um jardim de Vienna, destacou-se d'um grupo de senhoras uma graciosa joven que lhe arrebatou o cigarro da bocca para o guardar como recordação; outra dama na America, manda bordar na fina seda das suas ligas alguns compassos da musica predilecta do grande *virtuose*. Em todas as terras que visita, vê-se, por toda a parte, o seu retrato; vendem-se coisas á Paderewski, disputam-se os logares para os seus concertos e enche-se de gloria e de dinheiro, o pianista que realisa o idealismo chopiniano, com a ternura de quem comprehendeu aquella grande alma de torturado que deu á Polonia esphacelada e morta o maior quinhão do seu sentimento. Assim elevado nas azas do *réclame*, assombrando com a sua technica prodigiosa nas composições tão ricas de effeitos e de colorido de Liszt, patenteando o seu fundo romantismo na traducção de um nocturno de Chopin ou n'uma melodia de Schubert, dominando com a originalidade da sua figura, Paderewski chegou facilmente e com excepcional fortuna ao apogeu da gloria.

E se digo com excepcional fortuna, é porque reconheço que ha na Europa alguns pianistas mais com eguaes qualidades ás suas, que ainda não subiram tanto no mundo da arte. É que não se possui de balde uma figura esbelta, a poetica pallidez do sonhador e uma cabelleira enorme, quasi leonina, de tom aruivado, começando a degenerar n'um prateado luzente. Foi este o Paderewski que eu conheci ha pouco mais de tres annos em Paris; n'um dos grandes concertos dominicaes de Colonne, e ainda no primeiro dos seus tres *recitals* de piano que em 25 de abril de 1899 realisou no salão Erard. Para se fazer idea do interesse que as suas sessões despertam nos parisienses, basta citar que os preços eram de 20 francos por fauteuil 10 francos por lugar de balcão e 5 francos por galeria. O artista não põe de lado as questões de dinheiro; e a affirmal o está o facto de elle não ter recusado a offerta de

2:000 libras por dois concertos em casa d'um argentario inglez, dias depois do seu enlace matrimonial. Cortou a *lua de mel* seguindo para Londres a aproveitar aquella linda somma da qual, dadas as suas brilhantes condições de fortuna, podia muito bem prescindir. Pois na linda e elegante sala de concertos da rua du Mail, não havia um logar devoluto apezar da elevação dos preços, vendo-se ahi um publico requiridamente aristocratico, na sua maior parte constituido por damas que traduziam nas continuas vibrações das cabecinhas gentis, a funda emoção recebida e o verdadeiro delirio dos sentidos. E todavia, Paderewski, como todos os grandes artistas, tem as suas desigualdades e os seus dias ou antes as suas peças.

Nem sempre a sua technica é absolutamente perfeita, nem sempre a sua execução é ideal, merecendo por vezes serios reparos da critica, que na sua severidade implacavel não desculpa tão facilmente como as damas essas fraquezas artisticas. Occasiões ha em que o *virtuose* é desordenado, insubmisso e até um pouco *tapageur*, procurando conquistar a galeria, como eu tive ensejo de verificar nas *Variações e fuga* de Brahms e na *Polonaise em la bemol* de Chopin. Mas, logo em seguida, vem uma peça delicada executada por fórma tão superior, tão perfeita de gradações, tão nitida e finamente detalhada, que transporta o ouvinte ás verdadeiras regiões do sonho. Como prova do que asseverarei quanto aos seus desequilibrios de *virtuose*, leiam-se os periodos que seguem que brotaram da penna do critico francez Boutarel em seguida ao primeiro concerto a que alludi: «Après une série d'interminables ovations, justifiées par un talent exceptionnellement captivant, l'artiste a dû ajouter au programme la *Polonaise em la bemol* de Chopin, qu'il a sabré magistralement, jetant un peu au hasard ses doigts sur le clavier sans trop se soucier des notes éveillées à tort à coté des notes réellement écrites. Mais ceci n'est pas grave; dans ce bis triomphal, il fallait avant tout frapper fort, être foudroyant.»

Ora n'esta peça que eu tive a fortuna de ouvir a Rubinstein no seu unico concerto realisado em Lisboa, ha já bastantes annos, não conseguiu Paderewski dar-me a sensação do grandioso como o inolvidavel pianista russo, que deixou perduravel recordação d'ella a todos os publicos que lh'a ouviram.

Era verdadeiramente o desfilhar guerreiro da Polonia inteira para a defeza do sacratissimo sólo da patria. No soberbo canto acompanhado por uma longa passagem em oitavas na mão esquerda que constitue a parte

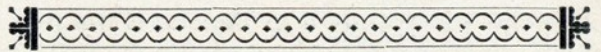
mais interessante da obra, Rubinstein era inexcedível na gradação do crescendo e no vigor da execução. Mas no mesmo concerto em que Paderewski executava a peça citada, teve elle outras d'uma grandeza de interpretação e de riqueza de colorido que extasiaram, como por exemplo o *Impromptu em si bemol* de Schubert, as transcrições de Schubert Liszt, os estudos de Chopin em que elle é perfeitamente inimitavel, realisando um verdadeiro assombro de arte seria com a *sonata em ré menor* op. 31, n.º 2, de Beethoven. Transformação completa, radical.

O artista por vezes desordenado passou a ser simples, natural, respeitoso do texto, sobrio de effeitos, admiravel de verdade.

Não se pode levar mais longe a fidelidade de execução e o respeito por uma obra de arte, como Paderewski conseguiu na formosissima sonata, a preferida de Beethoven, sempre que tinha de tocar nos salões aristocraticos que frequentou: O arpejo inicial do primeiro motivo, que Germer compara a *uma interrogação ao destino*, predispoz de tal fórma os espectadores á concentração de espirito, que nada pôde quebrar o profundo e religioso silencio com que foi escutado tão sublime poema musical. No *allegretto* com que termina essa obra, Paderewski aproxima-se muito da interpretação de Rubinstein, executando-o mais lentamente do que o fazem a maior parte dos pianistas confiados, segundo o critico que acima citei, na falsa comprehensão de Czerny, que via n'esta peça um cavalleiro a galopar. A este respeito commenta Germer espiritualmente: «Não espanta que ao auctor dos Estudos de Velocidade, tudo appareça como uma cavalgada.»

Emfim não se pode sonhar nada de mais superiormente bello do que a execução d'esta sonata por Paderewski, que ficou desde então considerado pela critica franceza como um grande interprete de Beethoven. Na sua vinda a Lisboa, se elle tocar tal peca creio que todos os espiritos artisticos d'essa capital, que amam a simplicidade de processos, a justeza e a naturalidade da realisação, hão de partilhar do meu entusiasmo. O grande pianista deve ter ahi um triumpho certo; e o seu bello talento que me deixou recordações tão duradouras que me levaram a prehencher tanto espaço a seu respeito, ha de fanatizar principalmente o publico feminino; se bem que os annos passam, a côdos cabellos muda e o periodo das aventuras deve estar em grande declinação. Mas se já não poderem admirar um homem bonito, admirarão um maior artista, o que vale muito mais.

ERNESTO MAIA



NOTAS VAGAS

Cartas a uma senhora

XLIV

De Lisboa

Venho de acompanhar na sua final viagem o nosso querido D. José da Camara.

Bom e insinuante amigo, tão cheio de nobresa na alma como de fidalguia no sangue, elle era um d'aquelles de quem o coração nos fala em todos os momentos fundamentaes da vida, e cujo espirito cheio de frescura e de encanto, desafiava o perpassar dos annos e o ruir das illusões...

Artista elle proprio, e deliciando-se nas atmospheras d'arte, em tudo procurando ou pondo a deliciosa vibração divina da poesia e da belleza, na sua pequenina mas tão inconfundivel sala as horas voavam ligeiras e tepidas, deixando pelo ar um luminoso rastro de suavidade e de paz...

Ultimamente, a doença, que tanto o apalara já, veiu tornar-lhe por vezes insupportaveis os seus longos dias de velho solteirão, encanecido, mas nem por isso se tornára intratavel ou misantropo, e sempre o delicado galho de uma illusão, mais ou menos vinha florir-lhe no caminho.

Até que por fim a illusão suprema que se chama a vida, se converteu n'essa realidade brusca que se chama a morte, e aquelles dos seus amigos que lá o deixámos no quieto e quasi bucolico cemiterio de Bemfica, n'um intervallo em que o sol brilhava e do ceu descia uma melancholia doce, podémos entrevel-o atravez das nossas lagrimas, correcto como sempre fôra, desprendido de vaidades como nunca deixou de ser...

Amanhã, o seu nome viverá porventura só na memoria dos que com elle privaram, pois que raro pensou em crystallisar pela palavra os sonhos ou as ideações do seu cerebro; mas, quem sabe? essa recatada penumbra a que tanto quiz, talvez que no fundo seja a melhor moldura para o seu perfil, tão original e tão caracteristico, pois que o teceram apenas mãos de amigos e dedicações de afeiçoados...

E porque não tenho animo de me entregar a coisas alegres, trasendo ainda na retina a impressão d'um spectaculo triste, consinta que, mesmo ao de leve, e com a commovida discreção de quem muito cá de dentro comprehende e vênera uma grande dôr, eu, relembrando essa tragedia intensa em que ha

duas cartas lhe fallava, lhe diga quanto gostaria que ouvisse, como a mim me foi dado ouvir, os commoventes e inestimaveis trechos que compõem um livro de notas a que a mallograda e inesquecivel menina, a quem elle pertencia victima predestinada de uma catastrophe enorme, poz o eloquente e suggestivo titulo *Ce que j'aime*.

Não imagina quanta bondade natural, quanta elevação psychica, quanta delicadesa instinctiva, se abrigava no fragil e delicado corpinho cujos liames a Fatalidade brutalmente partiu para a arrancar da terra, onde aliás como agora tão bem se vê, ella não fazia senão pensar sonhando!

A natureza dos trechos e dos excerptos transcriptos largamente o demonstra e documenta.

Que pena não se poder tornar conhecidas das creaturas novas, a fina e vibravel organisação d'essa que um momento existiu entre nós, para que ellas contemplassem em seu pleno fulgor um ser todo feito de poesia e de ideal, de amor e de bondade!

Que pena e que falta! E como se veria então a crystallina brancura de quem parecendo tão alhejada de pequeninas coisas que fazem a felicidade de muitas, só nunca o pareceu d'aquellas que representam na terra uma florescencia celeste e uma emanação de Deus!

Não, ella não era, como tão lucidamente accentuou a grande senhora que n'este momento inconsolavelmente a pranteia, uma romantica ou mesmo uma romanesca, mas unicamente, mas simplesmente uma alma que do mundo só viu os aspectos grandiosos e poeticos e n'elle persistiria idealista e *illuminada*, se lhe houvesse sido dado proseguir na viagem...

Por isso lhe digo que se converteria no mais edificante e no mais fecundo ensinamento penetrar na mysteriosa e azul thebaida que tão linda alma para si erguera, e que se ha porventura diversas fórmulas de fazer a catechese do bem e de contribuir para a grandesa ethica e esthetica de todos nós — uma d'ellas, e não a menos bella, seria tornar visivel e palpavel a existencia de quem, mal desabrochando sequer, logo encheu de claridades divinas estas nossas escuridões humanas...

Já que porém não ha direito de tal pedir, convem não esquecer ao menos que certos corações. mesmo quando deixaram de pulsar, ainda ficam no mundo regulando e dirigindo as pulsações dos corações seus irmãos, e que se já lhes não é licito retribuir affectos podem, ainda bem, fructificar exemplos.

AFFONSO VARGAS

GALERIA DOS NOSSOS

Miguel Ferreira



Quem o vê ora no seu pupitre de regente, ora como executante de grande valor n'algum dos instrumentos em que é igualmente exímio, ou ainda no trato lano e affavel, percebe-lhe subito, no olhar, nos modos, e na expressão, a sua indole franca e expansiva, o seu bello character claro

e diamantino, o entusiasmo natural pela Arte, a que se consagrou devotadamente, e de que é ornamento muito brilhante.

Como profissional começou desde logo a salientar-se pela sua maestria de clarinetista, mais tarde no logar de contramestre da notavel banda da Guarda Municipal, que exerceu com gloria e distincção, confirmou as suas aptidões innegaveis de musicista, revelando-se desde entao compositor inspirado e fecundo. Nas orchestras, quer como primeiro violino, quer, as mais das vezes como regente, conquistou um logar d'élite, que o seu talento alliado á modestia lhe grangearam.

Não menos notavel violetista, é ainda um dos nossos melhores executantes de musica de camara. quadrado, e ponderado como raros, e utilissimo, pela facilidade com que desempenha por seu turno o logar de primeiro e segundo violinos, ou violeta.

Algumas das suas composições no genero opereta fizeram epoca. e alcançaram successo que sobreviveu á existencia, tantas vezes ephemera, das peças que sobem á scena nos theatros populares. A sua musica, ligeira, de comprehensão facil. e geralmente melodica, ouve-se sempre com agrado, e dá nos a medida do que o author poderia e saberia fazer, n'outras condições bem mais favoraveis ao seu merito e saber.

Clarinetista hors ligne, violino e violeta dos mais apreciados, e compositor elegante e inspirado, nem por isso á sua modestia o abandona jamais, ou lhe deixa a noção justa e exacta do seu elevado merecimento artistico.

N'estas poucas linhas prestámos culto á verdade, exclusivamente, sem que nos cegasse a sympathia profunda que Miguel Ferreira nos inspira.

COLLINE.

NOTICIARIO

Do paiz

O *Diccionario biographico dos musicos portuguezes*, magnifico repositório de noticias biographicas e o mais completo subsidio que existe da bibliographia musical portugueza, trabalho muito cuidado e esmerado do illustre e erudito musicologo portuguez Ernesto Vieira, de que por vezes demos noticia, no decurso da sua publicação, está definitivamente brochado, e desde já á venda em todas as livrarias lisbonenses, conforme o annuncio que inserimos na secção respectiva.

As capas especiaes para a encadernação, cujo rosto é um soberbo esboceto de Roque Gameiro, estão-se fazendo com toda a actividade possível; devendo em breve achar-se promptas, para satisfazer a ansiedade com que são aguardadas por um crescente numero de bibliomanos e amadores nacionaes.

A obra completa forma dois elegantes volumes, que se tornarão indispensaveis em qualquer livraria intelligentemente organizada.

Da Associação dos professores de musica de Lisboa recebemos uma circular, em que dá conhecimento e torna publica aos seus associados o texto d'uma circular, recebida d'uma nova e identica Associação musical d'Hespanha, firmada pelo seu presidente D. Pedro Urrutia, com o intuito de estreitar e tornar efficaz e proveitosa a solidariedade dos artistas musicos da península.

Resolveu a Associação dos professores de musica de Lisboa, enviar a referida circular, que transcreve na integra o texto da hespanhola, não somente aos seus socios, como a todos os artistas musicos da capital, afim de que nenhum possa ficar ignorando o seu alcance e projecto.

Em tempo, e quando recebemos a circular de D. Pedro Urrutia, demos noticia nas columnas da *Arte musical* do assumpto, transcrevendo-a mesmo em grande parte, e applaudindo o pensamento que n'ella se continha.

Na recente sessão do Conselho d'arte musical, o sr. Eduardo Schwalbach apresentou um projecto, creando uma succursal do Conservatorio na cidade do Porto.

Afim de estudar o assumpto foi nomea-

da uma commissão composta dos srs. Augusto Machado, E. Vieira e Antonio Arroyo.

Applaudindo a intelligente iniciativa do projecto, devemos dizer que de ha muito que os mais dedicados e illustres membros da classe musical portuense acariciam a ideia, pela qual teem envidado os melhores esforços. E entre esses não podemos nem devemos deixar de citar o nosso querido collaborador e intelligente amigo sr. Ernesto Maia, como dos mais entusiastas apóstolos do pensamento.

A Escola de musica de camara mereceu ao nosso presado collega o *Occidente* no seu numero de 30 de Novembro findo, a reproducção em gravura do grupo photographico dos seus executantes, bem como uma noticia em que, reproduzindo a nomenclatura dos trechos de musica, executados na primeira serie de concertos, se fazem as mais captivantes e amaveis referencias. Devemos dizer que não é a primeira vez que o *Occidente* se occupa da «Escola» e sempre com requintes d'amabilidade.

Igual e delicada condescendencia usou tambem o *Diario Illustrado* no seu numero de 10 do corrente, estampando o grupo de executantes, e acompanhando-o de palavras cortezes e de muito louvor. A ambos os collegas apresentamos aqui a expressão reconhecida dos sentimentos da «Escola de musica de camara».

Do Estrangeiro

A Sociedade Philarmonica de Madrid publicou o seu primeiro relatorio annual.

Conta 1000 socios, que durante o anno entraram com a bonita verba de 46.000 pesetas. A Côrte deu tambem um subsidio de 15.000 pesetas.

Como protecção particular e official a empresas d'Arte, é pouco mais ou menos o mesmo que se passa em Portugal!

Jan Blockx, cujo esboço biographico ornou o 56.º numero da nossa folha, é o artista que está actualmente em moda na Belgica. A sua *Fiancée de la mer* obteve um successo triumphal na Opera de Gand.

Está tambem em preparo n'este theatro uma nova composição lyrica, com o titulo de *L'enfance de Roland*, devida á penna de outro illustre compositor belga, o sr. Emile Mathieu, director do Conservatorio de Gand.

O grande violinista Cesar Thomson, com quem o nosso director teve occasião de estreitar as mais cordeaes relações na sua re-

cente passagem pela Belgica, offereceu lhe alem d'uma esplendida photographia, um exemplar do seu ultimo trabalho sobre musica antiga do violino.

Occupar-nos hemos d'elle no proximo numero.



Segundo narra um jornal inglez, Sir Cecil Clementi-Smith possui uma preciosa collecção epistolar do illustre Muzio Clementi, que como é sabido, residiu em Inglaterra desde 1780 até á sua morte, occorrida em 1832, isto é, durante mais de meio seculo. N'esse enorme periodo de tempo foi successivamente compositor, professor e fabricante de pianos, mantendo relações mais ou menos estreitas com a mais brilhante pleidade dos seus contemporaneos, como Haydn, Mozart, Cramer, Kalkbrenner, John Field, Moscheles, Pachiarotti, Klengel, etc. Bem poderá presumir-se qual a importancia que essa correspondencia deve ter para a historia da Arte, no decurso de cincoenta annos.



Bertrand Roth pianista allemão, annuncia que durante a estação do proximo inverno executará em Dresde *todas as sonatas* de Haydn, Mozart e Beethoven!

E' como se vê *modesto* nos seus propositos o tal Roth.



Em Paris os representantes da «Aeolian Company» Toledo & C.^a fizeram construir na Avenida da Opera n.º 32 uma esplendida sala de concertos destinado a musica de camara e audições de *virtuosi*. Construidos sob os mais aperfeiçoados e modernos preceitos acusticos, a nova sala poderá comportar commodamente quinhentas pessoas.

Os executantes poderão apresentar-se nos instrumentos de sua preferencia, independentes de toda e qualquer marca ou procedencia imposta.



Um jornal francez afirma peremptoriamente que no Japão se explora com lisongeiro exito um commercio assaz singular. Nada menos de educar um elevado numero d'insectos-cantores, que sujeitos apenas nascidos a um tratamento especial, reclusos em pequenas gaiolas de bambu suspensas nas portas das casas attingem por meio de cuidadosa educação musical [um grau de perfeição tal na suavidade do seu canto que podem lutar com os seus rivaes passarinhos.



BIBLIOGRAPHIA

Agradecemos a remessa das seguintes publicações da especialidade:

Cronache Musicali e Dramatiche—*Summario do n.º 28*—Adriana Lecouvreur—La Musica francese del Rinascimento—La tentatrice—Musica e letteratura russa—Lettere Londinesi—Piccole note—Cronaca. Notiziario—Le sventure di Mascagni.

Summario do n.º 29—Il caso Mascagni—La «Ressurrezioni» di Tolstoi—Giacinta Pezzana—Le primi rappresentazioni—Carlo Cordara—La Tentatrice—Un mecenate—Piccole note—Cronaca—Notiziario.

Fidélío—*Summario do n.º 1*—Nuestro proposito—Beethoven—Conservatorio de Musica y Declamacion—Inauguracion del Real—Osbervaciones acerca de la voz.

Gazetta Musicale di Milano—*Summario do n.º 48*—Che cosa é il bello nell' arte musicale?—Rivista milanese—Alla Rinfusa—Concerti—Da Londra—*Cristoforo Colombo* al Liceo di Barcellona.

Summario do n.º 49—Mode e costumi—Rivista Milanese—Alla rinfusa—Tosca al Teatro Teck di Buffalo—Noterelle bibliografico musicali di Alfredo Untersteiner.

Menestrel—*Summario do n.º 47*—Journal de Modeste Simple—Semaine Theatrale—Le testament di Viotti—Petites notes sans portée—L'Apotre inconnu du dieu Beethoven—Revue des grands concerts.

Summario do n.º 48—Journal de Modeste simple—Semaine theatrale—Revue des grands concerts—Nouvelles diverses.

Summario do n.º 49—Journal de Modeste simple—Semaine Theatrale—Lettres Inedites de Berlioz—Revue des grands concerts.—Nouvelles diverses.

Le Monde Musical—*Summario do n.º 22*—Aymé Kunc—L'œuvre musicale de Fantin Latour—Le cours d'Histoire de la Musique—Visite aux Morts—Bacchus á l'Opera—Concerts—Theatres—Grandes orgues—Le prix de la Musique.

Monthly Musical Record—*Summario do n.º 384*—Carols and Songs of Christmas-tide—In Defence of the Virtuoso—The value of Work—M. Herbert Spencer and the Origin of Musik—Te Messiah—Richard Strauss *Feuersnot* in Berlin—Te Norwich Festival—The concert season in Paris—Our music Pages—Reviews—In the Concert Room—Musical notes:

Musica e musicisti—*Summario do n.º 6*—Un miracolo nel seculo XX—Il giro del

mondo in 60 giorni — Proiezioni—Armonie e Stonature—Pagine di musica—Casa di riposo per musicisti—Il di dei morti—Sul lago di Lucerna—La Sicilia—In qua e in lá—Il conservatorio di Boston—Punti d'esclamazioni—*Germania*—Variasioni.

Revista Musical—*Summario do n.º 13* — Charpentier—Artista e amator — O Theatro e a censura—Henrik Ibsen—Arte e Moral—Coisas d'outro tempo — Carta de Lisboa — Chronica Portuense — Bacchus — Estrangeiro.

Revue Musicale—*Summario do n.º 11* — A propos de la greve des Musiciens—Musique Mcderne—L. Couperin—La Harpe moderne—La commission de technique musicale — La Salle de l'Opera—Exercices d'analyse—Informations—Les Concerts — Notes Bibliographiques—Publications nouvelles—Periodiques.

Romania musicala — *Summario do n.º 19* — Richard Wagner — Cronica teatral—Teatral National — Cronica Concertelur Correspondente—Serbarile Societatu «Bukares-ter deustche Liedertafel» Opera—Sciri scurte

Tribune Saint Gervais—*Summario do n.º 10* — Congrès de Bruges—Le système musical de l'Eglise armenienne—Saison musicale 1901-1902.

Zeitschrift fur instrumenten bau — *Summario do n.º 6* — Die Orgel un der Kirche zu den Barfussern in Augsburg—Sollen wir die Weltausstellung in S. Louis beschicken? — Vermischtes.

Summario do n.º 7 — Wilhelm Biese — Hofberg's zusammenlegbares Harmonnium choral—Vermischtes.

Recebemos mais:

Gil Braz — N.º 76 — Director: Joaquim Vieira Junior.

Occidente — N.º 861 — Director: Caetano Alberto da Silva.

Sociedade Futura — N.º 14 — Directora: D. Maria Olga Moraes Sarmiento da Silveira.

Tiro Civil — N.º 248 — Director: Anselmo de Sousa.



MARIA DAS DORES

(Ao meu cmigo Michel'Ange'lo Lambertini)

«Il y a un tragique quotidien qui est bien plus réel, bien plus profond et bien plus conforme à notre être véritable que le tragique des grandes aventures».

MAETERLINK.

Maria das Dôres era conhecida em todas as aldeias por onde passava em companhia de seu pae, um pobre velho conhecido ha

muitos annos por aquelles sitios pelo Antonio «tocador». Uma longa existencia cheia de desgostos e dôres tinha-lhe enchido a cara de profundos rugas e branqueado a cabeça de innumerados cabellos brancos.

Para elle o resto da sua vida estava n'aquelle ente adorado, fructo da sua vida d'amor, aquecido pelo calor da amizade — a filha!

Maria das Dôres alliava a um physico agradavel uma alma pura e ingenua, limpido crystal illuminado pela luz clara da virtude e da innocencia!

Para ella toda a sua vida estava synthetizada n'aquelle pobre velho.

Todos que encontravam o pár encantador de filha e pae, a caminharem em dias de verão em plena soalheira pelas estradas e atalhos, ou no inverno tremulos de frio, viam a verdadeira imagem do amparo da Mocidade á Velhice!

Quando se approximavam d'alguma aldeia ainda elles vinham ao longe, já o rapazio desenfreado gritava: *Lá vem a Maria das Dôres. Chega hoje o Antonio Tocador.*

Chegavam á aldeia.

Maria cantava e o pae acompanhava-na viola.

Mas as suas canções traduziam o estado da sua alma, eram cantigas vibradas por um coração escurecido pelo veio da miseria; as notas da sua voz, eram um rosario de lagrimas que ella espalhava e era raro aquelle que não chorava quando a ouvia cantar!

Eram melodias puras e sentidas que sahidias da alma e tangidas no coração vinham como desafiar os cantos das aves que chilreavam nos troncos das oliveiras.

Os seus gorgeios acompanhavam as canções de Maria das Dôres, dando-lhe um vislumbre de alegria muito leve.

O seu rosto parecia que se illuminava, os seus olhos brilhavam, os seus labios sorriam.

Era um botão de rosa a desabrochar, era a pureza da alma a revelar-se atravez da innocencia!!

Todas as vezes que Maria acabava de cantar, duas lagrimas ardentes como fogo deslisavam pela cára do pobre velho, eram o symbolo da sua vida. Quando ao cahir da tarde, deixavam a aldeia todos diziam:

—Quando voltas, Maria das Dôres?

Ella olhava e respondia umas breves palavras que resumiam todo o seu futuro:

—Não sei... talvez nunca... e apertava com mais força o braço do pae.

ALFREDO PINTO SACAVEM

